



REFLEXÕES SOBRE O MODELO DO PROCESSO LINEAR DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO PÓS-ESTRUTURALISTA DE LINGUAGEM¹

Everaldo Pereira^{2 3}

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre como o modelo linear de comunicação sofreu alterações a partir de uma concepção pós-estruturalista de linguagem. O modelo clássico de comunicação linear é revisto e remodelado no sentido de atender a comunicação como processo interativo entre sujeitos. O texto desenvolve-se a partir de uma revisão de literatura da área da linguagem e do discurso, sobretudo da linha Francesa de análise do discurso. O modelo proposto contempla atores do processo comunicativo em constante interação e que busca soluções, sob a perspectiva da linguagem, para objeções do modelo “clássico”, como a simplificação excessiva e o caráter mecanicista.

Palavras-chave

Processo de comunicação; concepção dialógica da linguagem; análise do discurso;

INTRODUÇÃO

Veza por outra, lendo trabalhos de comunicação ou de administração, nos deparávamos com uma representação gráfica do processo de comunicação para ilustrá-lo em vários temas interligados, desde técnicas de negociação até os modernos meios de comunicação *on-line*. Imagens dessa síntese gráfica podem ser obtidas com frequência por meio do mecanismo de busca Google que retorna a busca “processo de comunicação” com cerca de 87.200 imagens⁴. No entanto essas imagens do processo apresentam, quase sempre, o modo linear de comunicação, de origem na engenharia e que nos parece mecânico demais para um processo tão humano como a comunicação.

¹ Trabalho apresentado no DT08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Professor do Instituto Mauá de Tecnologia (MAUÁ) e da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), email: everaldo@maua.br

³ Orientação: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Moraes Gonçalves. Doutora em Comunicação Social (UMESP) e Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP). Docente do Curso de Publicidade e Propaganda (UMESP) e do Instituto Municipal de Ensino de São Caetano do Sul (IMES), email: bethmgoncalves@terra.com.br

⁴ Disponível em <http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wj>. Acesso em 27.06.2011, às 09h.

Essa questão começou a encontrar eco por meio da concepção dialógica da linguagem, de Mikhail Bakhtin, com um sentido gráfico muito interessante que passaremos a discutir a seguir. Neste artigo confrontaremos o modelo linear de comunicação, chamado de “clássico” por alguns autores, com um modelo interativo de comunicação, proposto a partir da concepção dialógica da linguagem de Bakhtin.

O MODELO LINEAR DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

O modelo linear do processo de comunicação teve sua origem na engenharia, a partir dos estudos de transmissão de informação, consolidou os termos “emissor, receptor, canal e mensagem” e é amplamente usado até o presente como um modelo de fácil assimilação. Um modelo que surgiu com o desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação, principalmente o telégrafo, na segunda metade do século XIX. Até então a comunicação necessitava de um portador: a carta, o livro, a música. A eletrônica, por sua vez, promoveu uma nova forma de se comunicar e promoveu novos relacionamentos. Com o desenvolvimento da eletrônica na indústria de comunicação de massa, de um modo geral, as empresas fomentaram estudos para a melhoria de desempenho dos processos de comunicação. Desses estudos, consolidou-se a pesquisa em comunicação, de linha americana, com forte cunho pragmático que deu origem a um modelo de comunicação chamado de “clássico” por alguns autores:

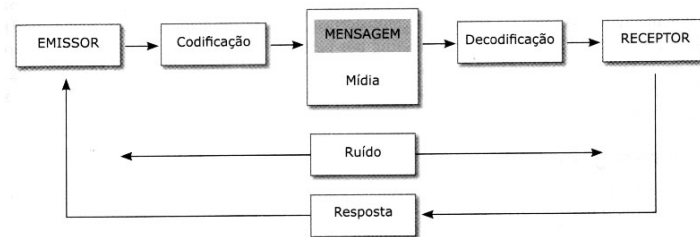


Figura 1: o modelo clássico de comunicação
Fonte: KOTLER, 2005, p. 536

A Ciência da Informação apresenta uma síntese do modelo, representada sem as unidades do código e da codificação e expressando um *feedback* automatizado, conforme vemos na figura 2, e nada nesse modelo refere-se à contexto, conteúdo nem mesmo nenhuma indicação de sujeito. Os próprios termos “emissor” e “receptor” remetem-nos ao processo elétrico, característico do telefone e, embora consolidados em comunicação, não nos remetem aos sujeitos da ação.

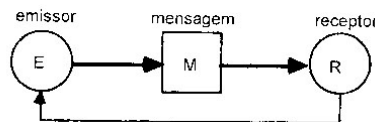


Figura 2: Modelo da Teoria da Informação
Fonte: LE COADIC, 2004, p. 10

A Teoria da Informação teve início com os estudos em comunicação de origem matemática, como visto na figura 3, no qual a comunicação é entendida como a transmissão linear de uma mensagem por um emissor para um receptor, para solucionar problemas de informação, como, por exemplo, de telecomunicações. Representa um modelo mecânico e linear, útil aos processos de informação, mas restrito para aplicá-lo nos processos comunicacionais humanos.

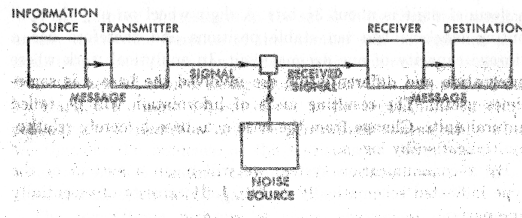


Figura 3: Diagrama esquemático para um sistema geral de comunicação
Fonte: SHANNON-WEAVER, 1949, p. 34

As pesquisas em comunicação anteriores à Teoria da Informação de Shannon-Weaver (1949) antecipavam a ideia de causa-efeito e iniciaram-se no período da Grande Guerra, com a busca do Estado americano pela persuasão do público. Os pesquisadores iniciais procuravam estudar quais estímulos eram necessários para se obter determinadas respostas, como, por exemplo, o apoio à guerra. O seu modelo era uma simples relação de E – R, influenciada pelos estudos de Psicologia Comportamental (Behaviorismo) que despontavam e que, posteriormente, recebeu o nome de Teoria da Agulha Hipodérmica ou *Bullet Theory*, como descrito por Wolf (2005, p. 10):

A fórmula que se desenvolve a partir da tradição de pesquisa típica da teoria hipodérmica, salienta de fato - mas torna também implícito - um pressuposto muito sólido que a *bullet theory* pelo contrário, afirma explicitamente na descrição da sociedade de massa: o pressuposto de que a iniciativa seja exclusivamente do comunicador e os efeitos recaiam exclusivamente sobre o público.

Esse modelo de comunicação foi superado pelos estudos psicológicos de laboratório e os estudos sociológicos de campo no período entre as guerras. As Ciências Sociais, de fato, eram oportunas para decompor o processo de comunicação em

unidades observáveis dentro da sociedade de massa com o propósito de explicar como a ação funcionava, principalmente para os estudos da propaganda de massa:

O sistema de ação que distingue o comportamento humano deve ser decomposto, pela ciência psicológica, em unidades compreensíveis, diferenciáveis e observáveis. Na relação complexa que existe entre o organismo e o ambiente, o elemento crucial é representado pelo estímulo; esse estímulo inclui os objetos e as condições exteriores ao sujeito, que produzem uma resposta. (WOLF, 2005, p. 8)

Durante a década de 1940 essas pesquisas geraram vários modelos de comunicação, entre eles o modelo de Lasswell (figura 4) que, de certa maneira, retoma a ideia da agulha hipodérmica ao decompor o processo em unidades observáveis para identificar quem / diz o quê / por meio de que canal / com que efeito. O efeito, entretanto era entendido em cada receptor, independentemente de suas relações sociais. Laswell, de fato, como pesquisador com foco em propaganda, preocupado com as questões do efeito da comunicação, formou com Lazarsfeld, Merton e outros cientistas sociais o que convencionou-se chamar de Funcionalismo ou *Mass Communication Research*. As críticas são a de que esse paradigma não estudou o ato comunicacional na sua totalidade, como entende-se por meio dos estudos da Linguagem, pois concentrou seus esforços nos efeitos, ignorando também o papel do receptor como agente interativo do processo. “Também podemos afirmar que o pesquisador tentou sistematizar com seu modelo, um processo que não é estático.” (GUARALDO, 2007, p. 12)

Quem	Diz O Quê	Em Que Canal	Para Quem	Com Que Efeito
⇓	⇓	⇓	⇓	⇓
Comunicador	Mensagem	Meio	Receptor	Efeito

Figura 4: representação gráfica do modelo de Lasswell

Fonte: GUARALDO, 2007, p. 11

Contrariando a Teoria da Agulha Hipodérmica, posteriormente o Modelo de Katz & Lazarsfeld, estabeleceu a ideia da comunicação em dois níveis ao introduzir o elemento do formador de opinião entre os meios de comunicação de massa e os indivíduos da audiência. Os estudos de Lazarsfeld alteraram o modo pelo qual os teóricos analisavam a sociedade, tida como uma massa isolada, e o papel do receptor, que era visto como passivo e influenciado diretamente. Nesta representação (figura 5) podemos observar o fenômeno radial em que a comunicação é inserida e começamos,

gradativamente, a caminhar para um processo não-linear ao considerar o espaço social em que o sujeito está inserido.

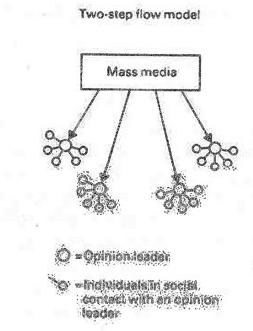


Figura 5: o fluxo de comunicação em dois níveis

Fonte: KATZ e LAZARFELD, 1955, p. 309

O espaço social também aparece nos estudos de Wilbur Schramm (figura 6) que ampliou os modelos lineares estudados até então ao introduzir os conceitos de “campo de experiência” e ampliar o conceito de codificação e decodificação.

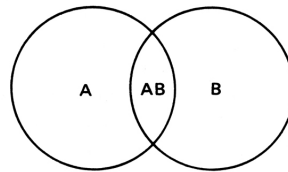


Figura 6: representação dos campos de experiência

Fonte: SCHRAMM, 1973, p. 43

Schramm coloca o sinal no meio de uma intersecção que representa a interação entre os dois campos de experiência o que infere a idéia de coparticipação dos sujeitos. Os estudos de Linguagem, com abordagens mais complexas, ampliarão essa noção de coparticipação tornando emissor e receptor incorporados um ao outro, como veremos adiante.

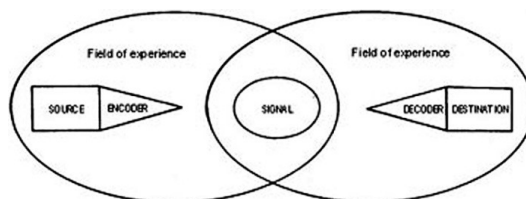


Figura 7: modelo de comunicação interpessoal

Fonte: SCHRAMM, 1961, p. 5



Entendemos, no entanto, que todos os modelos tratam de uma visão linear e funcionalista, fortemente influenciada pela pesquisa de comunicação de massa para uso empresarial ou estatal, em que se simplificam demais as relações entre as unidades, sem contemplar diversos fatores, como por exemplo, o contexto, a produção dos textos, a construção de sentido ou o efeito da comunicação.

Os papéis do comunicador e destinatário surgem isolados, independentes das relações sociais, situacionais e culturais em que os processos comunicativos se realizam, mas que o modelo em si não contempla: os efeitos dizem respeito a destinatários atomizados, isolados (WOLF, 2005, p. 13)

Observamos que o emissor, pela representação gráfica, está isolado do receptor, como se não considerasse as influências deste já na produção da mensagem ou na escolha do canal pelo emissor. Parece-nos linear uma vez que o emissor é o responsável pelo início da mensagem, pelo *start* e, mesmo considerando o *feedback* como uma retroalimentação, a representação gráfica pode ser entendida como começo / meio / fim. Claro que esse entendimento é uma leitura superficial da representação gráfica, mas que, por isso mesmo, gera a necessidade de uma comparação com outros modelos.

Conforme comentado acima, o modelo linear de comunicação nos remete ao processo de transmissão da informação, ou seja, do um “sobre” o outro. Entendemos o processo de comunicação mais interativo, ou seja, do um “com” o outro. Os termos “emissor”, “codificador”, “decodificador” e “receptor” são apropriados ao modelo de transmissão de informação, mas parece-nos mecânico demais para representar um modelo de comunicação. É máquina, processo, linha: um sistema fechado. “Emissor” é ativo; “receptor” é passivo. “Codificar” e “decodificar” parecem-nos relativos a um processo eletrônico, computacional, atípicos do processo humano, sem referências às produções de sentido. É linha reta, sem interação, sem o outro.

As influências sociais no modelo comunicacional foram abordadas por Riley & Riley (1977) ao apresentar um modelo linear (figura 8) no qual aparecem as estruturas sociais do emissor e do receptor; o sistema social e uma troca de mensagens simultâneas. Neste caso as estruturas sociais são separadas, independentes e o que une os elementos é o sistema social mais amplo, diferente da concepção pós-estruturalista da linguagem, na qual os interlocutores da comunicação estão agindo um “com” o outro, de forma mais integrada do que na representação proposta por Riley & Riley. A

mensagem é visualizada como um elemento externo aos agentes da comunicação e às estruturas sociais.

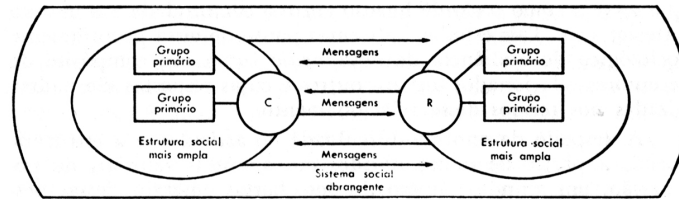


Figura 8: a comunicação de massa e o sistema social
Fonte: RILEY & RILEY, 1977, p.154

O processo de retroalimentação conhecido como *feedback* começa a ganhar contornos de diálogo, a partir do modelo mais interativo de comunicação proposto, entre outros, por DeFleur (1971, p. 130):

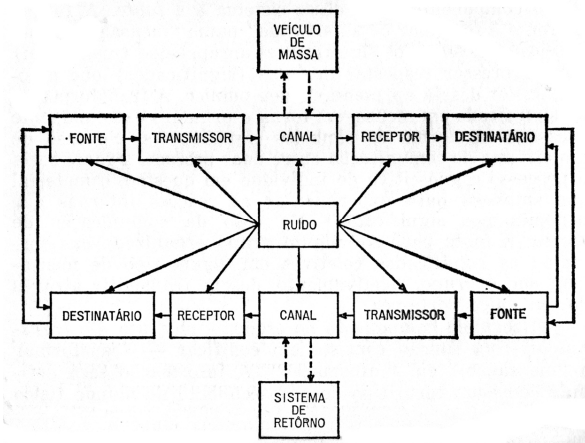


Figura 9: Componentes de um sistema geral para realizar o isomorfismo de significado
Fonte: DEFLEUR, 1971, p.130

Pesquisas em comunicação paralelas e posteriores a teoria hipodérmica lançam uma luz sobre o modelo, principalmente no que se refere à questão do contexto, como nos mostra Wolf (2005 p. 12):

A “teoria” dos meios de comunicação resultante dos estudos psicológicos experimentais consiste, sobretudo, na revisão do processo comunicativo entendido como uma relação mecanicista e imediata entre estímulo e resposta, o que toma evidente, pela primeira vez na pesquisa sobre os *mass media*, a complexidade dos elementos que entram em jogo na relação entre emissor, mensagem e destinatário. A abordagem deixa de ser global, incidindo sobre todo o universo dos meios de comunicação e passa a “apontar”, por um lado, para o estudo da sua eficácia persuasiva ótima e, por outro, para a explicação do “insucesso” das tentativas de persuasão. Existe, de fato, uma oscilação entre a ideia de que é possível obter efeitos relevantes, se as mensagens forem adequadamente estruturadas e a certeza de que,



frequentemente, os efeitos que se procurava obter não foram conseguidos.

O canal é um dos elementos no qual muitos dos pesquisadores em comunicação se debruçam. Curiosamente o canal está fora de alguns modelos - chamados clássicos – citados por alguns autores, como vimos anteriormente. Denominado “meio de comunicação” historicamente foi ligado ao transporte, antes do advento da eletricidade. As distâncias eram ligadas por estradas e os sistemas de comunicação eram atrelados ao transporte, como o correio postal que utilizava cavalos. Após o telégrafo e o telefone, o meio de comunicação passou a ter uma nova percepção perante seus usuários ao incorporar os grandes meios de massa, como a televisão, o rádio e o computador, que geraram uma comunicação mais dinâmica.

Com o desenvolvimento da comunicação elétrica, iniciada com o telégrafo, no século XIX, surgiu uma percepção de mudança iminente e imediata. Os debates na mídia na segunda metade do século XX estimularam a reavaliação, tanto da invenção da impressão gráfica quanto de todas as outras tecnologias que foram tratadas no princípio como maravilhas. (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 21)

Alguns autores, como McLuhan (1964), focaram na centralidade da mídia, identificando e traçando características específicas da produção e dos objetivos da mídia, independentemente dos usuários. Outros autores realçam as questões sociais e não enfatizam as estruturas. Segundo Briggs e Burke (2004, p. 23) “uma corrente acusa a outra de tratar pessoas comuns como passivas, objetos do impacto do letramento ou da computação. A acusação inversa é tratar a mídia, inclusive a imprensa, como passiva, espelho da cultura e da sociedade, e não como agência de comunicação transformando tanto uma quanto outra.” Escudero (2011), estruturando seu pensamento sobre bases no desenvolvimento social, vai mais longe ao denominá-los meios de informação, uma vez que não constroem uma relação dialógica com a audiência:

¿Por qué seguimos hablando de medios de comunicación sin tener en cuenta que La mayoría de los medios no hacen comunicación? Puede que informen o difundan, pero no comunican porque no están en situación de construir una relación horizontal con las audiencias. (ESCUADERO, 2011, p.3)

Nosso entendimento é de que estrutura e organização interagem, influenciam-se mutuamente. Assim sugerimos um modelo visual sobreposto, onde os elementos do processo de comunicação são visualizados interligados, sobrepostos. Nesse arcabouço



teórico de pesquisas sociais as relações entre os elementos do processo já não apresentam uma linearidade tão nítida, mas, ao contrário, suscitam modelos mais complexos onde o efeito já não é tão direto em relação à causa. Em seu artigo “Teoria e Filosofia da Comunicação”, Jensen nos coloca a questão do contexto como uma referência no estudo da interação entre as unidades do modelo, segundo as abordagens das ciências humanas e sociais:

Diversos “modelos de comunicação” têm sido empregados desde os primórdios do campo como representações simplificadas, mas heurísticamente úteis, do domínio de estudo. Os termos “emissor-receptor, mensagem e canal” podem ser considerados relativamente unânimes, especialmente se considerarmos a reversibilidade dos papéis e o *feedback*. No entanto, no que se refere ao “contexto” dessa interação, as abordagens das ciências humanas e sociais tendem à concordância. (JENSEN, 2008, p. 40)

A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM PARA UM ESTUDO DO PROCESSO INTERATIVO DE COMUNICAÇÃO

Por um lado, se as teorias sociais lançavam luz sobre o processo de comunicação no que se refere fortemente ao contexto, a linguística aparece, principalmente no pós-estruturalismo, como uma abordagem interessante em relação à interação dos processos comunicativos. Ao contrário do processo linear, com suas relações de causa e efeito mecanizadas, o processo comunicativo analisado pela linguística nos revela uma ação interativa. A começar pela teoria da enunciação, segundo a qual o enunciador nunca diz tudo; existem partes implícitas que estão no enunciado e outras informações que ficam implícitas na enunciação, no contexto geral e por esta razão podem ter vários significados (DUCROT, 1987). Emissor e receptor ao participarem nesse processo comunicativo, o fazem em um momento único e nunca mais repetido. O mesmo texto entre os mesmos participantes do processo nunca será igual em momentos posteriores. Dentro dos limites de um único e mesmo enunciado, um texto pode ser reiterado (repetição, autocitação), porém, cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado, pois sua posição e sua função mudaram no todo do enunciado.

Emissor e receptor surgem assim como “enunciador” e “coenunciador”, ambos partícipes do processo, também chamados de interlocutores, ligados um com o outro em um momento específico, dialogando sempre, como nos explica Bakhtin. Segundo o autor, “a interação verbal constitui a realidade fundamental da linguagem” (BAKHTIN,



1989). A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Todorov (1997, p. 10) ratifica: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo, interrogar, escutar, responder, estar de acordo, etc.”. Os falantes no diálogo se constroem e constroem juntos o texto e seus sentidos (BARROS, 1998).

Na concepção mais ampla de comunicação entre sujeitos que se constituem no diálogo e que se avaliam, é necessário repensar as noções de ‘emissor’ e de ‘receptor’ da comunicação. Emissor e receptor não podem ser aí tomados como casas ou caixas vazias de emissão e recepção de mensagens. Precisam ser considerados como sujeitos ‘plenos’ ou ‘preenchidos’, tanto por qualidades modais necessárias a suas competências comunicativas, quanto por valores decorrentes das relações com o ‘extralingüístico’ e com a sociedade. (BARROS, 1997, p. 32)

Partindo-se dessa concepção podemos entender que o modelo linear do processo comunicativo não representa com clareza o princípio dialógico da linguagem ao situar emissor e receptor como unidades distintas. Assim propomos ligá-los visualmente, pois não importa apenas os efeitos da comunicação sobre o coenunciador, mas também os efeitos que as reações do coenunciador produzem sobre o enunciador. A concepção dialógica da linguagem propõe que todo o texto de um discurso está impregnado pelo discurso do outro, leva em conta o discurso do outro para constituir o seu. Assim um texto “está” no outro e não se caracteriza como um objeto. Por esta razão é impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, a consciência de quem toma conhecimento dele (BAKHTIN, 1997).

O enunciador, portanto, produz a linguagem dialogando com o coenunciador, mesmo que o texto seja escrito ou gravado. A produção da linguagem, o texto, é resultado de uma criação ideológica ou de uma enunciação, dentro de um contexto histórico, social, cultural, etc. Para Bakhtin (1997), o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística. Embora em vários trabalhos o contexto seja introduzido nos modelos de comunicação, não há uma visão clara de sua atuação no processo comunicativo. Jakobson define uma visão mais ampla da linguagem, ratificando a questão do espaço e do tempo no processo:

Uma visão compreensiva da simetria dinâmica da língua, implicando as coordenadas de espaço e tempo deve substituir o modelo tradicional das descrições arbitrariamente limitadas ao aspecto *estático*. (JAKOBSON, 1995, p. 79).



De um lado a produção de linguagem por um enunciador e do outro lado a produção de sentido por um coenunciador estão ligados por vários conceitos interativos, entre eles o entendimento do *ethos* na análise de discurso. Já na retórica aristotélica os conceitos de *ethos*, *páthos* e *logos*, aparecem com um aspecto interativo ao considerar, respectivamente, o caráter do orador perante os ouvintes, o entendimento do orador para com as características da platéia e as idéias do discurso. Posteriormente o conceito interativo de *ethos* será ampliado por Maingueneau (2005) ao ligá-lo à enunciação, produzindo um entendimento de assimilação e incorporação pelas partes envolvidas no processo comunicativo. Outro conceito interativo na produção do texto e na construção de sentido é a teoria polifônica da linguagem, segundo a qual a produção e o sentido de um texto, de um discurso, só é possível mediante referência a outros textos, a outras vozes, com os quais está sempre em confronto, em diálogo; o importante é sobretudo a manifestação das diferentes vozes (SCHNAIDERMAN, 1997). Nesse caso, produzir um texto é mais que codificá-lo, é o enunciador dialogar com diferentes textos e com o outro; é mais que decodificá-lo, é o coenunciador interagir com a produção do texto, criar sentido a partir da enunciação, do contexto, do *ethos* discursivo.

A mensagem é texto, e não é apenas texto escrito, aquele que digitamos nos “processadores de texto”, mas todo objeto significante, segundo Bakhtin (1997). O texto dialoga com outros textos e, nesse sentido, não há texto primeiro. Causa e efeito interagem, assim como interagem texto, forma do texto e meio de comunicação. A interação é inerente ao processo de comunicação, embora, como vimos nos diversos modelos lineares, seja comum a separação entre emissor e destinatário. No século XXI, com a digitalização crescente, a interação ganhou dimensões profundas a ponto de tornar-se objeto de vários ramos de estudos, entre eles o da semiótica sincrética. Verbal ou visual, escrito ou falado, dinâmico ou estático, o texto assume diferentes formas para inúmeros significados.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dessa concepção pós-estruturalista de linguagem, revisamos e remodelamos o processo linear de comunicação, com o objetivo de expor ao debate, no sentido de atender a comunicação como um processo interativo entre sujeitos. O modelo proposto contempla atores do processo comunicativo em constante interação:

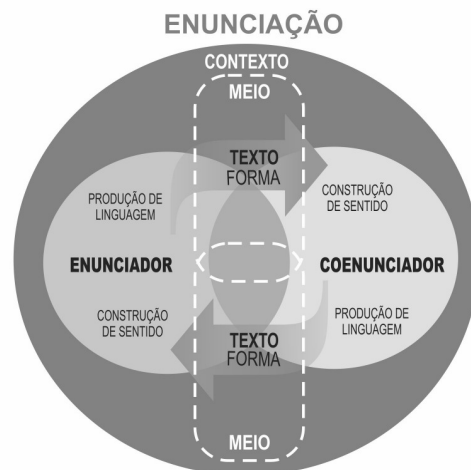


Figura 10: nossa proposta de modelo do processo interativo de comunicação.

Podemos elencar sete elementos do processo interativo de comunicação, utilizando como base os conceitos de Charadeau e Maingueneau (2006):

- **Enunciação** – Processo de reformulação de um enunciado por meio do qual ele é posto em funcionamento, surgindo como uma de suas possíveis formas de atualização. O enunciado é a unidade constitutiva do discurso que nunca se repete da mesma maneira, já que a sua função enunciativa muda de acordo com as condições de produção.
- **Contexto** – Envolve a situação comunicativa externa em que o texto é produzido, indo além do que é dito e escrito.
- **Enunciador e Coenunciador (Interlocutores)** – Sujeitos partícipes do processo de comunicação. Não se pode falar em iniciador uma vez que o processo discursivo é dialógico por natureza e, neste caso, traduz-se em uma representação gráfica sobreposta, de interação entre sujeitos. O sujeito é constituído a partir relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso.
- **Produção de linguagem** – é dialógica, considera o outro e é afetada pelo outro; é polifônica; faz referências a outros textos, outras vozes.
- **Construção de sentido** – O sentido é constituído mediante as referências à enunciação, ao *ethos*, ao processo discursivo. O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que



muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta (CHARADEAU e MAIGUENEAU, 2006).

- **Meio** – entende-se por meio, neste caso, a estrutura interativa na qual se realiza o processo de comunicação.
- **Texto** - Unidade de análise do discurso que, enquanto tal, é uma superfície lingüística fechada em si mesma (tem começo, meio e fim).

Segundo a concepção dialógica da linguagem nada pode ser inteiramente novo e nada pode ser inteiramente redundante. Os blocos dispostos no modelo “clássico” de comunicação nos remetem a um processo linear, enquanto as setas indicam um caminho fixo. O “feedback” lembra-nos retroalimentação, “emissor” nos dá a impressão de “personagem primeiro” e “receptor” de “último”. Mesmo considerando o efeito de interdependência de ação e reação, proposto por Berlo (2003) o modelo de comunicação ainda nos parece linear. Ressaltamos o pensamento de Galindo (2002, p. 52) quando considera “a possibilidade de uma aproximação total de uma pessoa com outra, garantindo com isto a capacidade de antecipar, predizer e comportar-se com as necessidades conjuntas desta pessoa e do outro, *portanto em uma sintonia que sobrepõe emissor/receptor;*”. É nessa sobreposição que a concepção de comunicação de Bakhtin nos concede soluções, sob a perspectiva da linguagem, que resolvem objeções do modelo “clássico”, como a simplificação excessiva; o conceito linear; e o caráter mecanicista: “a interação entre locutores é o princípio fundador da linguagem; o sentido depende da relação entre sujeitos; a intersubjetividade é anterior a subjetividade” (BARROS, 1997, p. 28).

O modelo proposto é um estudo preliminar que visa expor ao debate a síntese do processo de comunicação como instrumento didático. Se por um lado, são consolidados os termos do modelo “clássico”, por outro lado temos a base teórica para repensar a representação gráfica por meio da concepção dialógica da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. In: BERLO, David K. **O processo de comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo, e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006
- DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- ESCUADERO, Manuel Chaparro. **Comunicación para el empoderamiento y comunicación ecosocial. La creación de nuevos imaginarios y políticas públicas**. Disponível em: www.scribd.com/Comunicacion-para-el-empoderamiento-Manuel-Chaparro. Acesso em 28.06.2011.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GALINDO, Daniel. **Propaganda inteira e ativa**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. **Aspectos da pesquisa norte-americana em comunicação**. 2007. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/guaraldo-tamara-aspectos-da-pesquisa.pdf>. Acesso em 27.06.2011.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20 ed., São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *Polifonia textual e discursiva*. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994.
- JENSEN, Klaus Bruhn. Teoria e filosofia da comunicação. **Matrizes**. São Paulo: USP [a 2], n. 1, p. 31 a 47, 2008.
- KATZ, E., LAZARSELD, P. **Personal influence**, New York: The Free Press, 1955.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 12ª ed., São Paulo: Prentice Hall, 2005.
- LASSWELL, H.D. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Companhia Editora Nacional, 1977. p.105-117
- LAZARSELD, P.F., BERELSON, B. & GAUDET, H. **The people's choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign**. New York: Columbia University Press, 1944.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2ª ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso* (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.



RILEY Jr., John W., e RILEY, Matilda White. **A comunicação de massa e o sistema social.** In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Companhia Editora Nacional, 1977. p.118-154

SCHNAIDERMAN, Boris. *Bakhtin 40 graus (uma experiência brasileira).* In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo, e construção do sentido.** Campinas: Unicamp, 1997.

SCHRAMM, Wilbur. **Men, messages and media: a look at human communication.** New York: Harper & Row, 1973.

SCHRAMM, Wilbur. **How communication works: the process and effects of mass communication.** Urbana: University of Illinois Press, 1961.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication.** Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SOUZA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução.* In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.